

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**A NOÇÃO DE ISOTOPIA: UMA ALIADA NA LEITURA DO
TEXTO POÉTICO**

Roseméri Lorenz¹ (UPF- Universidade de Passo Fundo)

Não há dúvidas de que a leitura exerce um papel importantíssimo na vida do ser humano e, por isso, estimulá-la desde cedo se revela fundamental. Entretanto, as tecnologias do mundo moderno têm afastado os jovens dos livros, comprometendo significativamente o desenvolvimento de sua competência linguística e gerando um círculo vicioso: por evidenciarem dificuldades de compreensão e interpretação, os jovens consideram os livros menos atraentes e leem menos; com menos leitura, conseqüentemente, deixam de estabelecer diversas relações com o texto escrito, diminuindo ainda mais sua habilidade de ler. Romper esse processo constitui um desafio que pode ser enfrentado nas aulas de língua portuguesa com o apoio teórico da semiótica, de linha francesa, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, a qual busca descrever e explicar como são produzidos os sentidos do texto. Por meio da análise de um gênero textual bastante lúdico e prazeroso, o poético, este trabalho pretende demonstrar a produtividade de um dos conceitos trazidos pela referida teoria, o de isotopia, o qual permite definir com maior segurança o(s) plano(s) de leitura de um texto, contribuindo para sua compreensão global. Antes de se proceder à análise dos poemas, contudo, torna-se necessário fazer uma breve introdução à teoria semiótica.

1. A ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO

A semiótica possui interesse por qualquer texto, manifestado por qualquer plano de expressão e defende que conteúdo e expressão podem ser separadamente analisados.

Para realizar o exame do plano de conteúdo, a semiótica propõe um modelo de produção do sentido chamado percurso gerativo de sentido, o qual apresenta três níveis: o fundamental, o narrativo (o qual não será aqui abordado por uma questão de tempo e interesse) e o discursivo. Cada um desses níveis apresenta uma sintaxe (combinação de

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

mecanismos que ordena os conteúdos) e uma semântica (conteúdos investidos nos arranjos sintáticos) próprias.

1.1 Níveis de organização dos sentidos do texto

O primeiro patamar do percurso gerativo é o das estruturas fundamentais, onde surgem os significados mais simples e abstratos. A semântica desse nível organiza-se a partir da oposição de dois termos pertencentes à mesma categoria semântica como, por exemplo, vida *versus* morte, comum *versus* incomum, naturalidade *versus* artificialidade. Cada um desses termos recebe, ao longo do texto, um valor positivo, eufórico, ou negativo, disfórico. Por sua vez, a sintaxe do nível fundamental estabelece um percurso entre os termos da categoria semântica, os quais se organizam a partir de operações de negação e asserção. Assim, no dizer de Fiorin (1990, p.20), podem ocorrer as seguintes relações:

- a) afirmação de a, negação de a, afirmação de b;
- b) afirmação de b, negação de b, afirmação de a.

A determinação da estrutura fundamental permite estabelecer uma unidade aos elementos da superfície de um texto que, a princípio, possam parecer dispersos. Além disso, o esquema básico de afirmação de um termo da oposição e de negação de outro, explica como os significados se encadeiam.

Após o nível fundamental, encontra-se o nível narrativo, que, conforme já se mencionou anteriormente, não será abordado, pois não interessa ao tema deste trabalho.

Sendo assim, a última etapa do percurso gerativo é o nível discursivo, que constitui o patamar mais superficial, o mais próximo da manifestação textual. Nele, as categorias semânticas do nível fundamental e as mudanças de estado do nível narrativo são revestidas por elementos que lhes dão concretude.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A sintaxe do nível discursivo busca analisar as relações entre enunciador-enunciado e enunciador-enunciatário. Já a semântica desse nível, a qual apresenta especial importância neste estudo, converte os percursos narrativos em percursos temáticos que, por sua vez, são cobertos por figuras. Assim, no discurso, as figuras constituem a representação do mundo, real ou fictício. Já os temas são elementos que organizam, classificam, ordenam a realidade. Desse modo, há dois níveis de concretização do sentido: a tematização e a figurativização, sendo esta mais concreta que aquela. Tal classificação, entretanto, não se refere à exclusividade de elementos concretos ou abstratos no texto, mas sim à dominância de uns sobre os outros. Torna-se importante acrescentar que um mesmo tema pode ser recoberto por figuras diferentes, bem como as mesmas figuras podem representar temas diversos.

Para se interpretar um texto que utilize figuras no nível discursivo, é necessário descobrir o tema que se encontra recoberto pelas figuras. No entanto, não se pode considerar uma figura ou um tema isolados, é necessário analisar os encadeamentos das figuras ou dos temas. Ao encadeamento de figuras dá-se o nome de percurso figurativo e ao de temas, percurso temático. Tanto um quanto o outro necessita manter uma coerência interna, sob pena de tornarem o discurso inverossímil ou contraditório. Por outro lado, a quebra proposital da coerência pode ser um recurso para criar determinados efeitos de sentido.

1.2 A isotopia

Quando se tratou da última etapa da geração de sentido, constatou-se que, em um texto, organizam-se percursos temáticos e figurativos, isto é, os temas e as figuras reiteram-se. É justamente a essa reiteração de elementos temáticos e figurativos que se denomina isotopia.

Assim, quando houver recorrência, em um mesmo percurso temático, de unidades semânticas abstratas, ocorre uma isotopia temática. Já quando houver redundância de traços figurativos tem-se uma isotopia figurativa. Dessa forma, a

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

isotopia constitui um plano de leitura e permite, como afirma Greimas (apud Courtés, 1979, p.64), “suprimir as ambiguidades”.

Entretanto, um texto pode explorar a ambiguidade para produzir determinados efeitos de sentido, introduzindo propositalmente isotopias diferentes, superpostas em um único discurso. Tem-se, assim, o que se chama de pluri-isotopia. De acordo com Greimas e Courtés (1979, p.336), o que torna a pluri-isotopia possível é o caráter polissêmico da unidade discursiva que atua como conector. Um conector de isotopias é um lexema ou sintagma da instância de manifestação textual que pode ser lido segundo dois ou mais planos isotópicos diferentes, possibilitando a passagem de uma isotopia a outra.

Além de garantir a compatibilidade entre isotopias e auxiliar o enunciatário a reconhecê-las, os conectores também estabelecem diversas relações entre elas. A relação entre isotopias pode ser, por exemplo, concebida como metafórica se, entre duas possibilidades de leitura de um texto, existir uma intersecção de traços semânticos, antifrásica se as duas leituras manifestarem entre si traços semânticos contrários, metonímica se entre elas houver uma relação de inclusão num mesmo conjunto de traços semânticos.

Além dos conectores, há também elementos que não se enquadram no plano de leitura já identificado e, dessa forma, acabam desencadeando um outro plano isotópico. São os chamados desencadeadores de isotopia.

2. ANÁLISE DE POEMAS

Neste estudo, foram selecionados três poemas predominantemente figurativos, com uma estrutura pluri-isotópica, por revelarem maior fertilidade analítica. Como se pretende aqui sugerir caminhos para uma aplicação da teoria semiótica nas aulas de língua portuguesa, a fim de melhorar a capacidade de interpretação textual dos alunos, mostrando-lhes como os sentidos se constituem, as análises que seguem percorrem o

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

ponto de vista do leitor, ou seja, partem da camada mais superficial do texto (nível discursivo), onde se encontram os elementos mais concretos (figuras e temas).

É claro que não é necessário ao aluno conhecer a teoria, mas apenas a sua aplicabilidade. Dessa forma, cabe ao professor transformar as análises textuais em atividades a serem desenvolvidas, adequando-as ao nível dos educandos.

Para iniciar, observe-se o poema a seguir, de Raimundo Correa (apud FARACO, 2001, p.65):

As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
de pombas vão-se dos pombais, apenas
raia sangüínea e fresca a madrugada.

E à tarde, quando a rígida nortada
sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
ruflando as asas, sacudindo as penas,
voltam todas em bando e em revoada.

Também dos corações onde abotoam,
os sonhos, um por um, céleres voam,
como voam as pombas do pombais.

No azul da adolescência as asas soltam,
fogem... Mas aos pombais as pombas voltam
e eles aos corações não voltam mais.

Nesse poema, as figuras **pomba**, **pombais**, **asas**, **penas**, **bando**, **revoada**, propõem um primeiro plano de leitura: o das pombas. Em tal isotopia, lê-se o cotidiano de tais aves, as quais saem dos pombais ao amanhecer, retornando a eles à tardinha. Entretanto, as duas últimas estrofes apresentam um segundo plano de leitura: o dos sonhos. Isso exige que o texto seja retomado de acordo com esse novo ponto de vista. O que era simplesmente uma ave, passa a ser lido como o sonho, o pombal, como o

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

coração, a madrugada, como a adolescência. Assim, se estabelece, entre as duas leituras, uma metáfora.

No poema abaixo, de Olavo Bilac (2001. p.74), as relações metafóricas novamente se estabelecem.

As velhas árvores

Olha estas velhas árvores, - mais belas,
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto à sombra delas
Vivem livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E alegria das aves tagarelas...

Não choremos jamais a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,

Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Por meio de figuras como **velhas árvores**, **árvores moças**, **procelas**, **sombra**, **galhos**, **aves**, **pássaros**, **ramos**, delineia-se o primeiro plano de leitura: o das velhas árvores. Na terceira estrofe, porém, um novo plano de leitura é introduzido: o da velhice humana. Relendo o texto sob essa nova isotopia, percebe-se que as **velhas árvores** significam, na verdade, os idosos, os quais são considerados mais belos e amigos que os jovens, as **árvores moças**. Essa beleza, aliás, intensifica-se com a vitória sobre o tempo e as **procelas**, ou seja, as dificuldades da vida. Por sua vez, o **homem**, a **fera**, o **inseto**, as **aves**, que se abrigam à sombra das árvores, passam a significar as pessoas que, de alguma forma, recebem o carinho e o amparo dos idosos. Nesse contexto, a **sombra** significa o alívio, a atenuação do sofrimento alheio. O poema, dessa forma,

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

revela-se uma espécie de manual de instruções de como encarar a velhice: com alegria e bondade, dando apoio, alívio e consolo aos que sofrem.

Outro caso semelhante pode ser encontrado neste poema, de Augusto dos Anjos (1965, p.60):

O morcego

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígnea e escaldante molho.

“Vou mandar levantar outra parede...”
- Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh’ alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

Esse poema desenvolve duas isotopias distintas. Na primeira delas, lê-se os esforços do enunciador para livrar-se da presença de um morcego em seu quarto. Na última estrofe, a segunda isotopia é instaurada através do desencadeador **Consciência Humana**. É necessário, então, reler o texto de acordo com esse novo plano isotópico: o morcego passa a significar a consciência, da qual o ser humano não consegue livrar-se, por mais esforços que faça (**levantar outra parede, Fecho o ferrolho, Pego de um pau**).

Como é possível perceber, os pressupostos teóricos da semiótica (em especial o conceito de isotopia) podem contribuir para a melhoria da competência linguística do aluno. Afinal, a percepção da estrutura subjacente dos textos torna possível estabelecer os planos de leitura dos mesmos, evitando interpretações equivocadas.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Referências

ANJOS, Augusto dos. O morcego. In: _____. *Eu e outros poemas*. 30ª ed. Rio de Janeiro: Liv. S.José, 1965. p.60.

BILAC, Olavo. As velhas árvores. In: _____. *Antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 2001. p.74.

CORREIA, Raimundo. As pombas. In: FARACO, Sérgio (Org.). *Livro dos Sonetos: 1500 a 1900*. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 65.

COURTÉS, Joseph. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1990.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural: pesquisa e método*. São Paulo: Cultrix, 1966.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. 1979. São Paulo: Cultrix, 1979.

ⁱ (Mestre, Universidade de Passo Fundo, Brasil)
E-mail: lorenz@upf.br